

Antonio Lino

(1978, São Paulo/SP) é escritor, mestrando em literatura brasileira pela USP.

Autor de *Encaramujado* (2011) e *Branco vivo* (Editora Elefante, 2017), finalista do prêmio Jabuti 2018 (categoria crônicas).

E-mail: andadeiro@gmail.com

urubu

Naquela noite, Deus sorteou Firmino para um passeio pelo inferno. O caminho era batido, o de sempre. Saindo do forró, no escuro, mesmo desmontado, vesgo de pinga, o vaqueiro não costumava confundir o rumo de casa. Sabia a trilha de nascença, logo alcançaria a Queimada do Jerônimo. Mas de repente aconteceu um deserto ali, de graça, só pra ele. E Firmino penou por três dias, vagando sozinho.

O ar pesava, não saía do lugar, não dava brisa nem passarinhos. A faca, amolentada dentro da bainha, não tinha o que cortar, sequer um ramo de palma, um braço de xiquexique, um galho seco, nada — só a pedraria. Tudo em volta era longe, o horizonte circundava. E a cumeeira arrojando, além das

migalhas de sol pelo chão: o cascalho quente logo desmantelou as alpercatas de Firmino.

O vaqueiro andava, andava, desnortado naquela pega cega: andava, andava, mas não acertava o rabo da saída. E já se sentia ele mesmo a rês desgarrada, solto naquela prisão. A sede ferroando a goela.

Então Firmino avistou uma cabra, inchada, já exalando. Um presságio? Em vez de se afastar do bafo de podridão, o vaqueiro pensou, e achou melhor arredar ali mesmo. Largou-se sentado, disposto ao fatídico, o destino entregue aos céus: farejando a cabra morta, uma legião de carneiros pairava sobre a cabeça de Firmino.

Até que chegou a cavalaria.

Na segunda-feira, dois dias depois do forró, os rastejadores saíram no encaço do vizinho desaparecido, mas não encontravam vestígio de pegadas: a paisagem cascalhada não guarda memória. Sem outras pistas para ajudar, guiados apenas pelo sobrevoo dos urubus, foi só na manhã de terça-feira que acharam Firmino.

A magreza imunda. Os ossos espinhando o corpo por dentro, as costelas enormes arfando por um fio. As unhas haviam caído. Da roupa, só restavam uns pedaços da cueca, colados à pele esturricada. O vaqueiro cheirava a cabelo queimado. Firmino não falava, não reagia às perguntas. A alma já quase toda desencapada. A não ser pelos olhos.

opiniões

Uns olhos serenos, mas impuros. Uns olhos com certa malícia, um vigor duvidoso — um olhar meio santo, meio satã.

Armaram a maca, Firmino foi carregado, e a comitiva redentora partiu às pressas, levantando poeira e deixando a cabra morta para o bando de anjos fúnebres. Na Queimada do Jerônimo, devolveram o vaqueiro vivo à família, bendizendo o milagre:

— Quem salvou ele foi Jesus e os urubu.